

sobretudo de inspiração tomista, ligada à tradição ortodoxa (com referência explícita a Gregório de Nissa) ganha aqui um peso específico, na reinterpretação da visão beatífica como finalidade de toda a criatura, enquanto recondução de tudo ao Pai.

Esta «paternidade escatológica», como dinamismo de toda a criação, conduz-nos ao «Pai, no seu mistério». Esse é o objecto de estudo da segunda parte. Já não se trata da relação do Pai com a história humana («Trindade económica»), enquanto constitui o ponto de atracção escatológico para o que acontece no tempo, mas de pensar o que significa a denominação de Deus como Pai, no «interior» do próprio Deus, na «Trindade imanente». O núcleo desta abordagem é a categoria da «inascibilidade» do Pai – o facto de ser origem não originada. Este tópico é estudado, com competência histórica, nas obras de Hilário, Agostinho, Pedro Lombardo, Guilherme de Auxerre, Alexandre de Halles, Boaventura e Tomás de Aquino. Trata-se, pois, de uma reavaliação de alguns dos maiores clássicos da teologia trinitária.

Após este percurso histórico, o autor desemboca numa proposta sistemática de teologia do Pai, como alfa e omega da vida trinitária, tese central de todo o estudo. A pretensão desta proposta sistemática é superar formulações desviantes sobre a compreensão da Trindade. Essa superação inspira-se, essencialmente, na terminologia de Boaventura e de Tomás de Aquino. Basicamente, tudo se desenvolve em torno da categoria de «reciprocidade relacional», para compreensão de tudo o que se possa dizer sobre as pessoas trinitárias e respectivas relações.

Após todo o percurso, sobram duas questões: não será importante, para uma teologia integral de Deus-Pai, abordar também as questões sociológicas, psicológicas e mesmo filosóficas ligadas à denominação

«Pai»? O recurso mais explícito a alguns estudos de P. Ricoeur, por exemplo, poderia ajudar no desenvolvimento deste outro aspecto.

Por outro lado, não resultará a perspectiva aqui apresentada numa teologia quase «modalista», que acaba por reduzir o Filho e o Espírito a aspectos do auto-desenvolvimento ou da auto-realização/ auto-doação/ auto-revelação do Pai?

Seja como for, estamos perante um magistral estudo sobre um assunto especulativamente complexo, que o autor, apesar de jovem, domina com mestria notável.

JOÃO DUQUE

MADRIGAL, Santiago (ed.), **El pensamiento de Joseph Ratzinger – Teólogo y Papa**, serie «Teología Comillas», San Pablo (www.sanpablo.es), Madrid, 2009, 319 p., 210 x 145, ISBN 978-84-285-3488-8.

Com um Prólogo bem desenhado (pp. 13-24), da autoria do Santiago Madrigal, o volume que aqui se apresenta colige as oito conferências das V Jornadas de Teologia promovidas pela Universidade Pontifícia de Comillas em Outubro de 2008. O título patenteia a preocupação dos organizadores: apresentar os temas nucleares e mais representativos do pensamento teológico de Ratzinger, tendo em conta, como é dito no referido Prólogo, a perspectiva «vital» do autor; ou seja: com atenção ao facto de esse pensamento acompanhar a vida de J. Ratzinger, no decurso da sua carreira que, de académica se tornou pastoral e culminou no desempenho da função de pastor supremo da Igreja. Trata-se de um percurso de atenção teológica aos sinais dos tempos, desde ainda antes do Vaticano II, atravessando depois o tempo do mesmo

e os difíceis tempos pós-conciliares. O autor do Prólogo cita, a propósito, o juízo de Olegário González de Cardedal: «A obra de Ratzinger é um diálogo crítico com tudo o que aconteceu nos anos desde a clausura do Concílio até aos nossos dias». Com uma preocupação constante: a de, em qualquer assunto que seja, estabelecer a teologia no seu ponto de equilíbrio.

Nestas Jornadas houve a preocupação de dar conta, quanto possível, dos temas mais centrais desse pensamento teológico. Uma primeira conferência, da autoria do prof. Gabino Uríbarri Bilbao, muito bem desenhada, é dedicada à questão fundamental da interpretação da Escritura. Após uma série de prolegómenos de interesse, apresenta cinco teses de Ratzinger sobre o assunto. O pensamento cristológico é versado em seguida, pelo prof. José Vidal Taléns, tendo como referência de fundo o livro *Jesus de Nazaré*. Segue-se o pensamento das duas encíclicas ao tempo publicadas. Primeiro, *Deus caritas est*, a propósito da qual o prof. Júlío L. Martínez mostra como o actual Papa «teologizou» o fundamento da moral, colocando o seu centro e a sua essência no amor. Depois, *Spe salvi*, comentada por Santiago del Cura Elena, que destaca, e bem, a preocupação de Ratzinger em estabelecer, nesta difícil temática da escatologia, um diálogo crítico com a cultura do nosso tempo. Segue-se a eclesiologia, versada por Santiago Madrigal. A teologia das religiões constitui o tema desenvolvido pelo prof. Pedro Rodríguez Panizo, que põe em relevo a visão agostiniana de Ratzinger: no problema da relação das outras religiões com o cristianismo, o aspecto central não é o religioso (da experiência religiosa ou da salvação) mas o problema da verdade. O penúltimo tema é dedicado à relação entre a fé e a razão, versado pelo prof. Pawel Kapusta, que assume como principal referência o famoso

discurso do (já) Papa na Universidade de Ratisbona. Um último assunto, também central e muito querido por J. Ratzinger é o da relação entre teologia e liturgia. Está tratado por Mons. Ricardo Blázquez, Bispo de Bilbao.

JORGE COUTINHO

HOFMANN, Peter, **Richard Wagners politische Theologie. Kunst zwischen Revolution und Religion**, Paderborn: Schöningh, 2003, 308 pp.

Este estranho volume corresponde ao escrito de *Habilitation* de um jovem teólogo alemão, actualmente docente de Teologia na Universidade de Koblenz/Landau. A estranheza do escrito reside, precisamente, no objecto de estudo. O que acontece a vários níveis. Que se trate de teologia política já não será estranho – embora esta teologia política seja muito própria. Que o assunto seja a arte, já soará mais estranho aos hábitos teológicos, embora recentemente se tenha quebrado frequentemente essa estranheza. Mas que um teólogo estude Wagner e, ainda por cima, que encontre na sua música e nos seus escritos – isto é, no seu pensamento, expresso de modos vários – uma teologia, trata-se de algo inaudito. Nisso reside a primeira originalidade deste estudo, que pode ser interpretada claramente como atrevimento. Mas a ciência, também a teológica, faz-se com atrevimentos. De facto, considero que o atrevimento teve êxito, na medida em que o autor consegue demonstrar exaustivamente que podemos encontrar um pensamento teológico em Wagner.

Mas o atrevimento do autor vai mais longe, pois ousou explorar um âmbito de estudo complexo, já abordado por grandes especialistas e pensadores, e que mantém